

## PAISAGENS DE NÉVOA E NEBLINA: A IMAGEM LITERÁRIA DE PAISAGENS DO MEDO

### MIST LANDSCAPES: THE LITERARY IMAGE OF FEAR LANDSCAPES

*Solange T. de Lima Guimarães<sup>1</sup>*

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Rio Claro, Brasil

**Resumo:** Neste artigo buscamos o sentido da concretude e do simbólico concernentes às paisagens experienciadas pelos ciganos nos campos de concentração e extermínio, durante o período da II Guerra, revelando a percepção de uma topofobia. A experiência ambiental dos ciganos sempre foi constituída por sobressaltos em todos os caminhos (objetivos e subjetivos): a paisagem do medo é novamente instalada diante das incertezas, morte e perplexidades destas populações.

**Palavras-chave:** Paisagem; Ciganos; Campo de Concentração.

**Abstract:** In this article we search for the concrete and symbolic meaning regarding to the landscapes experienced by gypsies in concentration and extermination camps during the Second War, revealing the perception of a topophobia. The gypsies environmental experience has always been made of frights in all ways (objectives and subjective): the fear landscape is again installed and in front of these populations uncertainties, death and perplexities.

**Keywords:** Landscape; Gypsies; Concentration Camp.

## 1. INTRODUÇÃO

Na estrada que sobe,  
arrastada, pendurada nos braços de suas duas irmãs mais velhas  
Que a seguram pela mão,  
a pequena esperança  
Avança...  
E no meio... ela parece se deixar arrastar,  
e na realidade é ela que faz as outras andarem,  
e que as arrasta,  
e que faz todo o mundo andar  
é ela, essa pequena, que arrasta tudo.  
E tudo se acabaria em lassidão,  
essa enorme aventura,  
como, depois de uma ardente colheita,  
o lento cair de uma grande noite de verão  
se não houvesse minha pequena Esperança...  
(PÉGUY apud FEBVRE, 2004, p. 303).

---

<sup>1</sup> É docente aposentada do Depto. de Geografia, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, onde exerceu a docência de 1985 até 2016. Atuou ainda no Programa de Pós-graduação em Geografia do IGCE-UNESP, orientando mestrados e doutorados. E-mail: hadra@uol.com.br.

Escrever sobre Geografia e Literatura é estabelecer conexões sobre a própria vida, interpretando e ressignificando paisagens vivenciadas no cotidiano, buscando a compreensão da integralidade e das complexidades destas experiências e relações existenciais que, na perspectiva geográfica deveriam, segundo Buttner (1985, p. 167), se constituir em tentativas de “um esforço combinado para reconciliar coração e mente, conhecimento e ação, em nossos mundos diários.”

Entretanto, este diálogo entre a Geografia e a Literatura é construído a partir da sensibilidade e habilidade dos escritores em ressignificarem os fatos históricos, com suas narrativas sobre as experiências humanas, numa complexa tessitura daquilo que foi realmente vivido, mesmo em se tratando de perspectivas marcadas por problemas e conflitos, de mundos vividos em confrontações. A Literatura contribui para os estudos geográficos trazendo uma vivificação do cotidiano, de modo a apreendermos imagens expressivas, experienciando a paisagem através de mundividências compartilhadas. Como expressão artística, permite adentrarmos em seu universo textual e imagético das supra realidades, a nos enredar por meio da imaginação, da fantasia. Como expressão humana, desvela o âmago dos autores e suas percepções e interpretações do espaço e mundo vividos, em textos muitas vezes de rara sensibilidade, ainda que explorando paisagens de agruras vivenciadas por diferentes sociedades, ao situarem a criação de cenários de inquietações que evidenciam valores objetivos e subjetivos de épocas, significados históricos, e, conseqüentemente, permitem uma nova percepção, interpretação e representação da realidade histórico-factual.

Com os olhos decodificamos ambos os textos – a linguagem não verbal que é a paisagem e a verbal concernente à palavra escrita –, que enquanto imagéticas saltam em conexões inusitadas e criativas, imbricadas em nossas mentes, em construções que permitem outros *insights* de nossas realidades subjetivas e objetivas, porque sensibilizadores de nossas intenções e percepções. Juntas, a Literatura e a Geografia criam relações e visibilidades intencionais na gênese, transformação, exteriorização e interiorização das paisagens, que posteriormente influenciarão direta e indiretamente, o refinamento de nossa acuidade perceptiva, assim como os processos de interpretação, valorização e representação da paisagem ou de seus componentes: já não temos apenas um rio, mas um caminho traçado entre rochas, areias e metáforas; já não há um personagem, mas sim o *outro* ser humano, distinto de nós, a construir suas mundividências. São criados lugares de inter-relacionamentos, espaços de convivências e coexistência, propiciando uma consciência de si mesmo, na mediação de seus espaços relacionais.

E na construção de nossas relações de alteridades, somos os artífices de um novo olhar que sente, direciona, julga, avalia, e de movimentos que afagam e ferem, que envolvem e expulsam... Somos os autores de um texto que não se conforma com o espaço concreto da página de papel, nem se ajusta com os espaços virtuais da *Web*, e expande-se mediante a força da palavra escrita (compreendida e sentida) e impressiona, determinando uma Geografia de lugares e paisagens tangíveis ou não, gerando geossímbolos, conexões afetivas e composições de imagens preservadas/evocadas pelas memórias. Nesta expansão reside a magia das paisagens literárias e o seu decifrar: texto e contexto, palavra interpretada, perspectivas e prospecções de paisagens de signos e sentimentos: “receptáculos de significados de parte ou de todas as nossas vidas.” (LIMA, 1996; GUIMARÃES, 2002).

Assim, buscamos algumas configurações paisagísticas, quase sempre mesclando lendas e sagas aos relatos e registros históricos sobre a rota dos ciganos: o povo *Roma*. A partir da Literatura, em especial, nos romances históricos ou de ficção, nas biografias e também nas crônicas, temos não só a criação ou a reconstrução de um tempo/espaço vividos, mas de um processo imagético sobre os ciganos oscilando entre o imaginário e a realidade das sociedades, perdurando por diferentes épocas. Da sensualidade da imagem da mulher cigana dançando ao som do flamenco em alguma remota paisagem andaluza, ou ainda como feiticeira envolta nos mistérios de venturas e desventuras alinhadas nas palmas das mãos, ou nas bênçãos e maldições proferidas, à imagem do cigano embusteiro, ou do herói romântico com um perfil principesco, verificamos tanto a admiração e o encantamento concernentes à fantasia e imaginação, quanto o flagrante preconceito, a intolerância étnica e a exclusão sutil ou violenta da concretude de cotidianos em intersecções.

Na atribuição de qualidades para aceitação e aproximação social, a exemplo de um caráter de nobreza, como na estigmatização para destruição de um povo, com a deterioração e perda cultural, resistem imaginários que se configuram tão distantes da realidade, tanto no passado como no presente. Assim, no decorrer dos séculos, nos deparamos não somente com as bulas papais e ordenações reais, mas também com as narrativas de viajantes, mercadores e cronistas a respeito dos encontros e contatos com estes grupos de “misteriosa e mágica gente”. Nestas passagens, acrescentam-se os excertos literários sobre as diretrizes políticas de eugenia racial surgidas na Europa entre os séculos XIX e XX, mais os relatos das perseguições e extermínios promovidos por Hitler durante a Segunda Guerra Mundial.

Todavia, em todos esses tempos, paisagens de autoritarismos são engendradas segundo as configurações do poder vigente, derivando territorialidades que ainda permanecem constituídas até o presente, delineadas por instabilidades, exclusões, inquietudes,

marginalidades e violências em relação à historicidade do povo *Roma*. No caleidoscópio destas territorialidades em transformações e movimentos, entre riscos e vulnerabilidades sociais, tentamos interpretar relações dialógicas e dialéticas que propiciam interlocuções intrincadas entre mundo e espaço vividos, expressando geograficidades, originando lugares e espaços onde o medo em suas formas extremas e derivadas, marcou a tessitura da dinâmica das paisagens.

Mediante a conjuntura destas paisagens de *névoa e neblina*, expressão aqui usada como uma metáfora para falarmos sobre a paisagem do medo e que envolvia “medo sempre e em toda parte” (FEBVRE, 1942, p. 380), mas que originalmente se reportava à chegada dos trens aos campos de concentração, no período noturno e com densa neblina, tendo em vista que a SS usava a expressão “noite e neblina” (*Nacht und Nebel*) ou “NN” para designar os prisioneiros que chegavam nestes mesmos comboios, trataremos de alguns aspectos relacionados aos ciganos e os cenários dos campos de concentração nazistas, durante a II Guerra Mundial.

Ao tratarmos esta temática – Geografia e Literatura –, importa-nos não somente a recuperação dos registros históricos e relatos pelo autor a respeito dos significativos conjuntos paisagísticos dos campos de concentração nazistas e das populações ciganas. Importa-nos, como geógrafos, o conhecimento das diferentes formas de percepção da paisagem, os valores, os modos de apreensão das imagens de espaço/mundo vividos, a interiorização e as representações destas mesmas paisagens, bem como dos limites territoriais criados e demarcados espacialmente ou não, entre outros tantos aspectos. Raffestin (1977, p. 132) considera que “le paysage est la structure de surface alors que la territorialité est la structure profonde”, e neste entretecer de paisagens e territorialidades, perscrutamos nosso horizonte geográfico a partir da obra literária “*KZ: Dicionário do Campo de Concentração*”, do escritor romeno Oliver Lustig (1991), sobrevivente dos campos de Auschwitz-Birkenau e Dachau.

Sem dúvida, a interlocução da Geografia com a Literatura, nos permitiu analisarmos funcionalidades paisagísticas diferenciadas, além das interfaces relacionadas à sua própria historicidade, uma vez que podemos retomar algumas percepções destas paisagens do medo e da morte, mediante aqueles que estiveram em busca de um *latcho drom*<sup>2</sup> que nunca existiu...

---

<sup>2</sup> *Latcho Drom* significa, no idioma romani, estrada segura.

## 2. Antecedentes para a compreensão/construção de uma imagem/paisagem

Devemos libertar a nação alemã de polacos, russos, judeus e ciganos.  
– Otto Thierack, Ministro da Justiça do III Reich

No final do século XIX, com o surgimento de políticas e legislações protecionistas fundadas nos princípios de eugenia e higiene racial, sobre o que era considerada como a “raça ariana” na Alemanha, os conflitos decorrentes da discriminação oficial, ocasionaram a criação da *Seção Especial de Questões Ciganas*, em 1899, junto à Polícia Bávara, transformando-se posteriormente, em 1929, em *Central Nacional*, sediada em Munique. Neste contexto sociopolítico, ainda merece ser ressaltada a fundação da *Sociedade para Higiene Racial*, em 1905, pelo Dr. Alfred Ploetz. (NOVITCH, 1984; MÜLLER-HILL, 1993).

Com o início do período precedente à II Guerra Mundial, durante os anos de 1930, eram desenvolvidas várias pesquisas nas cátedras de várias universidades alemãs, por cientistas de áreas distintas do conhecimento científico sobre eugenia racial, que fundamentaram posicionamentos científicos expressos em teorias de segregação, esterilização e extermínio dos “não-arianos inferiores” (judeus, ciganos, eslavos, negros), culminando com o estabelecimento de uma cátedra de pesquisa racial, higiene racial e teoria da hereditariedade na Universidade de Erlanger, em janeiro de 1931. Em 23 de maio de 1933, o Presidente da *Sociedade Imperador Guilherme para Fomento das Ciências*, o Prof. Planck, reiterava a Hitler, segundo Müller-Hill (1993: 35), a disposição do seu conselho científico no sentido da colaboração máxima, visando a proteção da população ariana diante destes grupos “antissociais”, considerados um perigo potencial de contaminação biológica por meio de genes inferiores e para a reconstrução do novo Estado alemão, em absoluta concordância com os ideais do Partido Nacional Socialista e sua *Deutsche Kultur*. (MÜLLER-HILL, 1993).

Deste modo, as diretrizes relacionadas aos processos de esterilização, eutanásia e extermínio exercidos de 1933 a 1945, fundamentaram-se nos estudos e pesquisas de duas instituições científicas consagradas internacionalmente na época: o *Instituto Imperador Guilherme de Antropologia, Genética Humana e Eugenia (Forchunginstitut Kaiser Wilhelm)*, e da *Sociedade Alemã de Pesquisa (Deutsche Forschungsgemeinschaft)*.

A partir de 1933, com a ascensão de Hitler ao poder, e com as Leis de Nuremberg em setembro de 1935, editadas pelo *Reichstag*, mais restrições e sanções legais e outras punições mais severas foram dirigidas aos ciganos, além dos outros segmentos de população considerados como riscos à sociedade. Simultaneamente o interesse pelos estudos raciais era intensamente estimulado, pois segundo as palavras de Eva Justin, assistente do Dr. Ritter, o

sangue cigano poderia ser considerado como "extremamente perigoso para a pureza da raça alemã". (NOVITCH, 1984). Diante da impossibilidade de ser negada a origem ariana dos ciganos, seriam classificados na categoria denominada *Rassengemische*, ou seja, "mistura racial indeterminada", pelo Prof. Hans F. Guenther, e ainda poderiam vir a "corromper a pureza do sangue dos camponeses alemães", segundo o Dr. Portschy apud Novitch (1984, p. 24). Estes posicionamentos levariam à estruturação de planos, políticas e seleção de estratégias coordenadas, culminando nas práticas genocidas de caráter sociocultural e biológico (LIMA, 1996).

De acordo com documentos históricos, em novembro de 1936, as pesquisas desenvolvidas pela *Sociedade Alemã de Pesquisa*, marcadas por uma "naturalidade rotineira", integrariam sob a coordenação do psicólogo e psiquiatra Dr. Ritter, um estudo sobre a população cigana, classificada na categoria de "antissociais e sobre a biologia de bastardos (ciganos e judeus)", visando o expurgo daqueles considerados não pertencentes à raça ariana. Esta conjuntura proporcionou a realização de muitos estudos pelo Departamento de Pesquisa sobre Higiene Racial e Política Populacional, da Comissão de Saúde do Reino, em Berlim, recebendo os subsídios financeiros e materiais necessários, ao considerar a sistematização dos preceitos sobre "raça" da ideologia nazista (MÜLLER-HILL, 1993).

Diante desses cenários, entre 1936 e 1938, o aprisionamento em massa dos ciganos considerados como "criminosos inveterados", abarcaria a deportação para os campos de concentração. Em 1938 sob a coordenação pessoal de Himmler, a *Central Nacional de Questões Ciganas*, teve sua transferência para Berlim, enquanto ocorria a detenção de trezentos ciganos proprietários de terras e vinhedos na região da aldeia de Mannwoerth. A partir de 1939, os ciganos alemães também passam a ser enviados aos guetos judaicos na Polônia, em Varsóvia, Lublin, Kielce, Rabka, Zary, Sedlce, entre outros. Para Lustig (1991, p. 51), estes guetos "eram estações para o caminho da rampa da morte de Birkenau-Auschwitz".

**Figura 1 – Deportação das famílias ciganas de Viena, Áustria para a Polônia, entre setembro e dezembro de 1939.**



Fonte: United States. Holocaust Memorial Museum. **Holocaust Encyclopedia**, s.d. Disponível em: <[http://www.ushmm.org/wlc/en/media\\_ph.php?MediaId=1445](http://www.ushmm.org/wlc/en/media_ph.php?MediaId=1445)>.

**Figura 2 – Vista da entrada do campo cigano (Brzezinska Street), no guetto de Lodz, Polônia, 1942.**



Fonte: United States. Holocaust Memorial Museum. **Holocaust Encyclopedia**. Disponível em: <[http://www.ushmm.org/wlc/en/media\\_ph.php?MediaId=6301](http://www.ushmm.org/wlc/en/media_ph.php?MediaId=6301)>.

No exato cumprimento das medidas de higienização racial, todas as formas foram testadas com os ciganos – deportação, castração, extermínio, incluindo os “experimentos científicos”, dos quais se destacam pela sua pungência, os testes de eficácia dos cristais de Zyklon-B (que seria utilizado posteriormente nos extermínios nas câmaras de gás), realizados em janeiro de 1940 no campo de Buchenwald, quando cerca de 250 crianças ciganas serviram como cobaias humanas. Ainda merece destaque a esterilização de crianças no campo de Ravensbrück:

O Dr. Treite investigou a esterilização em meninas; ele preferia pequenas meninas ciganas com menos de 10 anos. Antes do tratamento eram desvirginadas pelos homens da SS. Era-lhe totalmente indiferente que elas se contorciam de dores no chão do Revier do campo de concentração Ravensbrück. “Temos de esterilizá-las muito cedo, por que elas estão em condições de ter filhos já com 13 anos de idade”, esta era a sua argumentação.

Treite, Wirts, Clauberg e dúzias de outros médicos da SS, todos eles médicos condenáveis, e seus superiores até Himmler e Hitler, sonhavam quando não estavam assassinando. Sonhavam com as grandes áreas no leste que eram povoadas por “árvores infrutíferas”. Sonhavam com países inteiros sem crianças, países a ele subjugados, nos quais trabalhariam milhões de homens

castrados e mulheres esterilizadas, dia e noite, para a glória dos Übermenschen nazistas (LUSTIG, 1991, p. 156).

Contudo, o extermínio propriamente, constituiu-se na prática mais eficiente, sendo iniciado na primavera de 1941, com a criação dos *Einsatzgruppen* (pelotões de execução): “trinta mil ciganos deportados para a Polônia, morreram nos campos de Belzec, Treblinka, Sobibor e Majdanek”, enquanto “milhares foram deportados da Bélgica, Holanda e França para o ‘campo da morte’ de Auschwitz”. (NOVITCH, 1984, p. 24). Segundo Müller-Hill (1993), no ano de 1941, Heydrich, que era responsável pelos métodos que visavam a “solução final” da “questão judaica”, também considerou os ciganos como “evacuáveis”, de modo que receberiam o mesmo “tratamento especial”, sendo então as práticas de extermínio implementadas com os estigmas de violência e crueldade sem precedentes na época e fundamentada nos ideais em voga da *Deutsche Kultur*.

**Figura 3 – Famílias ciganas no campo de concentração de trabalhos forçados, em Belzec, 1940**



Fonte: United States. Holocaust Memorial Museum. **Holocaust Encyclopedia**. Disponível em: <[http://www.ushmm.org/wlc/en/media\\_ph.php?MediaId=6303](http://www.ushmm.org/wlc/en/media_ph.php?MediaId=6303)>.

**Figura 4 – Trens de carga com prisioneiros do Gueto de Lodz, para serem deportados para o campo de extermínio de Chelmo. Lodz, Polônia, entre 1942 e 1944.**



Fonte: United States. Holocaust Memorial Museum. **Holocaust Encyclopedia**. Disponível em: <[http://www.ushmm.org/wlc/en/media\\_ph.php?MediaId=511](http://www.ushmm.org/wlc/en/media_ph.php?MediaId=511)>.

Deste modo, durante todo o ano de 1941, o “tratamento especial” foi dispensado aos ciganos, os quais foram exterminados em campos de concentração ou executados em campo aberto. Um dos massacres mais severos ocorreu na extinta Iugoslávia, quando ciganos e judeus sofreram a execução final na Floresta de Jajnice. Conforme a narrativa de Novitch (1984, p. 24): "ainda hoje os camponeses se recordam dos gritos das crianças que eram levadas em caminhões para os locais de execução".

No inverno dos anos 1941-42, Ritter participaria de uma conferência onde era estudada a estratégia de morte por afogamento de cerca de trinta mil ciganos de origem alemã, embarcando-os em navios que posteriormente, seriam bombardeados no Mediterrâneo. Em janeiro de 1942, ainda de acordo com Novitch (1984), seriam exterminados com monóxido de carbono nos postos de extermínio de Kulmhof (Chelmno). No decorrer de dezembro de 1942, sob o comando de Himmler, todos os ciganos mestiços foram evacuados para o campo de concentração de Auschwitz, considerado como a mais hedionda e emblemática paisagem do complexo de campos da morte, sob a administração de Rudolf Hess.

Nestes tempos, segundo os sobreviventes Kraus e Kulka (1946), na obra "*Tovarna na smrt*" (Fábrica da Morte), o pior massacre da população cigana no campo Auschwitz, teria ocorrido na noite de 31 de julho de 1944. Novitch (1984), fundamentando-se no historiador Joseph Tenenbaum, afirma que cerca de 500 mil ciganos foram mortos, contudo as cifras reais são ignoradas, tanto a respeito dos mortos, quanto dos sobreviventes.

Ao iniciar a década de 1940, novas configurações eram engendradas e materializadas mediante a construção de novas paisagens, cujas estruturas e funções emergiam no auge das ideologias de ódio e pureza racial, organizadas em conformidade às instruções da “guarda e assistência” do Ministério do Interior do Reich, conduzindo a radicais transformações dos antigos lugares existentes — as territorialidades demarcadoras dos guetos e dos campos de concentração e extermínio do Novo Estado Alemão (LIMA, 1996). A narrativa de Lustig (1991, p. 99-100) contribui para a visualização da paisagem destes campos e o medo que deles emanava, porque eram sinônimos da morte:

[...] A palavra **Konzentrationslager** despertava um medo animal, paralisante. Toda pessoa que passasse pelo portão de tal campo era um futuro cadáver.

A SS mimava a sua criança de criação, o **Konzentrationslager**, e chamava-a de **KZ, Kazett**.

O primeiro **Konzentrationslager**, o primeiro **KZ**, foi fundado 160 dias depois da subida ao poder de Hitler, no 45º dia após sua posse como chanceler. No dia 21 de março de 1933, o jornal de circulação diária **Münchner Neueste Nachrichten**, publicou um comunicado assinado por Heinrich **Himmler**: Na quarta-feira, dia 22 de março, nas proximidades de

**Dachau**, será inaugurado o primeiro campo de concentração, que pode abrigar 5.000 pessoas... No mesmo ano foi fundado o **KZ** de **Sachsenhausen**. Até o final do ano, 27.000 prisioneiros foram enfiados em campos de concentração.

Onze anos mais tarde, no verão de 1944, quando as cercas de arame farpado atravessavam toda a Alemanha, o número de prisioneiros tinha subido para alguns milhões e os crematórios de um único campo, **Birkenau-Auschwitz**, precisavam de apenas três dias para queimar 27.000 prisioneiros. No verão de 1944, quando eu ultrapassei os portões de Birkenau, todos os crematórios funcionavam ininterruptamente, dia e noite.

Obcecados pela mania de hierarquia e da distribuição em categorias, os SS dividiram até os campos de concentração em três categorias. Os campos da primeira categoria eram destinados aos prisioneiros menos perigosos, os campos da segunda eram destinados àqueles que eram processados por crimes pesados, porém tinham chances de serem reabilitados, e os da terceira eram destinados àqueles que eram considerados incorrigíveis. No entanto, logo estas diferenças se apagavam e todos os campos de concentração transformaram-se em fábricas da morte.

A mania da hierarquia e divisão em categorias da SS era visível, nos primeiros anos, também na organização dos encaminhamentos aos campos.

[...] O mundo dos campos de concentração era correspondentemente variado: combatentes revolucionários e criminosos comuns, trabalhadores e cientistas mundialmente famosos, artistas conhecidos e dignitários estaduais, vagabundos e altos representantes da Igreja, juízes e generais.

De início, o regulamento determinava tratamento diversificado para cada categoria de prisioneiros. Mas logo foi esquecido. Todos tornaram-se **Häftlinge**, cadáveres vivos.

O conjunto paisagístico de Auschwitz era constituído de vários campos localizados no sul do território polonês, na região da Silésia (então sob a ocupação alemã desde 1939), compreendendo três unidades principais: Auschwitz I, parte mais antiga e centro administrativo do complexo de campos de concentração; Auschwitz II-Birkenau, o maior campo e centro de extermínio em massa; e Auschwitz III-Monowitz, campo de trabalhos forçados nas fábricas e administração da maioria dos subcampos do complexo. Entre as fábricas que funcionavam em Auschwitz, estavam: I.G. Farben, Krupp e Siemens.

Estes campos principais eram complementados por mais 47 subcampos e comandos exteriores, que no total formavam o Complexo de Auschwitz. A administração dos campos era realizada pelo Serviço Central de Economia e Administração da SS, todavia, a deportação de prisioneiros e os extermínios estavam a cargo do Serviço Central de Segurança do Reich. As figuras 5,6,7,8 e 9 ilustram as paisagens dos campos de concentração.

**Figura 5 – Vista do portão de entrada dos trens, conhecido como “Portão da Morte”, no principal campo de extermínio: Auschwitz II-Birkenau, Polônia.**



Fonte: United States. Holocaust Memorial Museum. Holocaust Encyclopedia, s.d. Disponível em: <[http://www.ushmm.org/wlc/en/media\\_ph.php?ModuleId=10005189&MediaId=1051](http://www.ushmm.org/wlc/en/media_ph.php?ModuleId=10005189&MediaId=1051)>.

**Figura 6 – Vista do principal portão de entrada de Auschwitz, com a inscrição "Arbeit Macht Frei" (O trabalho liberta). Polônia, s.d.**



Fonte: United States. Holocaust Memorial Museum. Holocaust Encyclopedia, s.d. Disponível em: <[http://www.ushmm.org/wlc/en/media\\_ph.php?MediaId=5174](http://www.ushmm.org/wlc/en/media_ph.php?MediaId=5174)>.

**Figura 7 – Barracões das mulheres no campo de Auschwitz II-Birkenau, Polônia, 1944.**



Fonte: United States. Holocaust Memorial Museum. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <[http://www.ushmm.org/wlc/en/media\\_ph.php?MediaId=2984](http://www.ushmm.org/wlc/en/media_ph.php?MediaId=2984)>.

**Figura 8 – Marzahn ou “o campo de ciganos”, nos arredores de Berlim, foi o primeiro campo de concentração para os ciganos na Alemanha (s.d.)**



Fonte: United States. Holocaust Memorial Museum. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <[http://www.ushmm.org/wlc/en/media\\_ph.php?ModuleId=10005219&MediaId=1574](http://www.ushmm.org/wlc/en/media_ph.php?ModuleId=10005219&MediaId=1574)>.

**Figura 9 – Vista parcial de campo de trabalhos forçados para os ciganos durante o tempo da guerra, em Lety, na extinta Checoslováquia**



Fonte: United States. Holocaust Memorial Museum. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <[http://www.ushmm.org/wlc/en/media\\_ph.php?MediaId=798](http://www.ushmm.org/wlc/en/media_ph.php?MediaId=798)>.

A paisagem de Auschwitz era a concretização efetiva do autoritarismo e intolerância da ideologia nazista. Na perspectiva de interpretá-la como uma paisagem de traços marcados fortemente por um sentimento de topofobia, nos fundamentamos em Lagrange (1996), em seu estudo sobre o medo, sendo então que podemos considerá-la, como a paisagem do *medo derivado* por excelência, ao estimular distintas maneiras de sentir o medo primário e secundário, disseminadas por todos os seus espaços/lugares. Nas palavras de Bauman, em *Medo Líquido* (2008, p. 09):

O medo secundário pode ser visto como um rastro de uma experiência passada de enfrentamento da ameaça direta – um resquício que sobrevive ao encontro e se torna um fator importante na modelagem da conduta humana mesmo que não haja mais uma ameaça direta à vida ou à integridade.

Na análise destas paisagens, podemos considerar que tanto os medos diante de um perigo iminente ou da ameaça não imediata, quanto frente ao imaginário, influenciaram as

experiências ambientais humanas, levando a uma mudança na percepção de mundo e espaço vividos, ao interferirem nas valorações atribuídas às vulnerabilidades psicossociais diretas e indiretas, influenciando escolhas e orientações de comportamentos, expectativas, enfrentamentos e capacidade de resiliência a partir das experiências passadas nos campos do Complexo de Auschwitz.

### **3. A PAISAGEM DE NÉVOA E NEBLINA: MEDO EM TODO LUGAR**

O que mais amedronta é a ubiquidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. – Bauman (2008, p. 11).

De todas as imagens dos cenários da II Guerra Mundial, talvez o complexo dos campos de concentração de Auschwitz seja uma das mais emblemáticas, dada a visibilidade alcançada em grande parte do mundo, devido à organização dos relatos de muitos sobreviventes, à grande produção iconográfica, literária e cinematográfica, à construção de museus dedicados à temática do Holocausto em vários países, mais eventos de caráter memorial ou político-científico com destaque internacional, realizados principalmente pela comunidade judaica.

Desde a construção do primeiro campo de extermínio em Dachau, em meados de março de 1933, assim como de Majdanek, Chelmno, Treblinka, Belzec, Sobibor, Theresienstadt, entre tantos outros, incluindo-se o complexo de Auschwitz, as paisagens rurais e urbanas dos países ocupados e da própria Alemanha, se transmutaram em redes de lugares do medo, fragmentados por um rastro de terrores, onde as pausas eram estes campos, símbolos da transitoriedade da vida para a morte. Diante delas, até hoje só podemos perguntar em concordância com Lustig (1991, p. 178): “com espanto, como o coração ainda consegue bater?”

Construído na Polônia, sob a direção de Rudolf Hess, Auschwitz ocupava uma área da cidade de Oswiecim, nas proximidades da Cracóvia, sendo aberto em junho de 1940, e vindo a se transformar no principal centro de extermínio após o seu primeiro ano de funcionamento, com a instalação dos seus conjuntos de edificações funcionais – as das câmaras de gás e os fornos crematórios.

Interligando estes lugares, dia após dia, noite após noite, comboios ferroviários denominados “trens especiais”, percorriam os trilhos continuamente em formações aproximadas de cinquenta vagões de transporte de gado cada uma, contendo entre setenta a oitenta pessoas, além de suas bagagens. Durante dias seguidos, estas “cargas” de seres humanos considerados inferiores e, portanto, indesejáveis, viajavam num verdadeiro

confinamento, sendo deportados para vários países sob a ocupação ou controle do Reich alemão, a exemplo da França, Bélgica, Holanda, Noruega, Hungria, Romênia, entre outros. A morte e o medo inquietavam “nestes espaços de limites por todos os lados, onde somente restavam frestas: de ar, de luz, de arames farpados” (LIMA, 1996).

Tuan (1979), em seu estudo sobre as paisagens de medo, analisa algumas situações extremamente variadas tanto em relação à paisagem natural quanto a cultural, tendo em vista os filtros perceptivos determinados pela cultura e pela experiência humana, pois envolvem uma larga amplitude de aspectos concernentes a sentimentos e emoções. Para ele, a emoção correspondente ao medo, enquanto um sentimento complexo envolve dois componentes fundamentais:

(1) *senal de alarme*, quando um fator inesperado ou impeditivo no ambiente gera formas de respostas instintivas, podendo significar fuga, ataque e defesa; e (2) *ansiedade*, significando uma sensação difusa de medo, pressentimento do perigo mesmo sem nenhum indício de ser detectado ao redor ou nas proximidades, justificando assim este estado psicológico (LIMA, 1996, p. 63).

Para Tuan (1979), estas emoções correspondem comumente a experiências em ambientes estranhos, desconhecidos e, portanto, desorientadores, considerando que não possuímos referenciais de apoio, a exemplo de nossos mapas mentais. Segundo o autor, a mente permite que mundos sejam criados, povoados, conhecidos, temidos, odiados ou amados, e a imaginação muitas vezes, desenvolve emoções que não encontram nenhum tipo de solução, a exemplo do terror metafísico, cuja mitigação só é alcançada em Deus (LIMA, 1996).

Nesta perspectiva, observamos que o estudo das paisagens de medo factuais ou através da literatura, torna-se significativo ao buscarmos um conhecimento mais profundo sobre as experiências humanas em diferentes realidades vividas, ambientadas em situações extremas ou não, seja em função das percepções derivadas da perspectiva experiencial individual e/ou coletiva, ou das relações decorrentes das tentativas de posicioná-las em marcos ou contextos histórico-culturais.

Ao abranger de modo geral circunstâncias exteriores, uma paisagem de medo implica diferentes ameaças, perigos, riscos, que podem ser visíveis, sentidos ou pressentidos, de modo imediato ou não (LIMA, 1996; 2002). Portanto, a paisagem ao apresentar-se tanto como *construção mental* e *entidade física mensurável*, pode transformar-se em cenários detonadores de múltiplos estados psicológicos, variando as manifestações de sentimentos topofóbicos, de

acordo com Lima (1996; 2002), numa gama muito diversificada de emoções, conduzindo ao medo derivado, que para Bauman (2008, p. 9):

[...] é uma estrutura mental estável que pode ser mais bem escrita como o sentimento de ser suscetível ao perigo; uma sensação de insegurança (o mundo está cheio de perigos que podem se abater sobre nós a qualquer momento com algum ou nenhum aviso) e vulnerabilidade (no caso de o perigo se concretizar, haverá pouca ou nenhuma chance de fugir ou de se defender com sucesso; o pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas disponíveis do que do volume ou da natureza das ameaças reais). Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o “medo derivado” adquire a capacidade da autopropulsão.

Os complexos de campos de concentração analisados sob a perspectiva de paisagens do medo tornaram-se símbolos da incerteza dos destinos de muitas vidas, da permanência de estados de inseguranças, da angústia por ser um espaço desconhecido de aprisionamentos para as populações segregadas em seus territórios (LIMA, 1996). Assim, segundo a autora, na configuração das estruturas visíveis ou não desta paisagem, encontrava-se por toda parte ostensiva ou insidiosamente, a ameaça mais poderosa do Reich – seres humanos – todavia a mais impotente porque subjugada pelo *medo*, pelo desespero, levando no final de tudo, à alienação, à *petrificação*, “destituídos de direitos, de referências básicas, aterrorizados em face de um inimigo hediondo, agente da fragmentação de todo e qualquer vestígio de segurança” (LIMA, 1996, p. 64). Lustig (1991, p. 16-17) ao descrever o medo *sobre e entre* as pessoas durante a permanência nos campos de concentração, afirma que era o que Hitler mais amava, sendo a expressão básica de seus princípios satânicos:

Os habitantes do **Reich** — senhores e escravos — deviam tremer de medo, deviam sentir o pavor até os ossos. Mesmo a morte, profissão principal dos nazistas, era só um dos métodos eficazes de meter **Angst** ao mundo. A finalidade continuava sendo **die Angst**. [...] Hitler não se contentava em instituir **die Angst** em todo lugar. Ele chegou inclusive a teorizar sobre a sua necessidade. Achava que a crueldade era atuante e que as pessoas precisam e aclamam o medo. Elas precisam temer algo. Elas desejam ser amedrontadas, desejam se submeter por medo a alguém. Que estórias são estas sobre crueldade, queixas sobre maus-tratos? A massa os deseja. Ela sente a necessidade de tremer de medo. Hitler apostava muito nos campos de concentração, porque ali **die Angst** dominava realmente de maneira total e abrangente.

Podemos afirmar que para o autor, viver nesta paisagem dominada pelo medo, levava a experiências e comportamentos emocionais, bem como a alterações fisiológicas que era como se penetrassem “na carne e nos ossos dos *Häftlinge*, junto com o ar do campo de concentração, que eles respiravam” (LUSTIG, 1991, p. 16-17), consideradas as situações

diárias de enfrentamento de ameaças e perigos aos quais os prisioneiros eram expostos todo o tempo, e os processos de resiliência que deveriam desenvolver para sobreviverem biológica e psicologicamente. Para Guimarães (2012), nas relações estabelecidas entre os seres humanos/paisagens, “não é somente a materialidade do espaço correspondente a ser resgatada, porém, o que esse espaço representa em termos de valorações ligadas aos seus territórios, lugares”, ainda que diante de múltiplos condicionantes, fatores limitantes, conflitos de interesses, além de obstáculos de diferenciadas ordens.

A afirmativa de Bauman (1979, p. 15) que “*A vida inteira é agora uma longa luta, e provavelmente impossível de vencer, contra o impacto potencialmente incapacitante dos medos e contra os perigos, genuínos ou supostos, que nos tornam temerosos*”, pode ser aplicada em sua integralidade na obra de Lustig (1991, p. 16-17), que nos apresenta uma narrativa que impressiona pelas descrições, não só por ter sobrevivido a estas condições sub-humanas, como também pelo modo minucioso de relatar a vida dos prisioneiros nos campos, com destaque para o desrespeito aos direitos mais elementares concernentes à vida humana, com marcas de intensa perversidade e forte violência:

**Häftlinge** tinham medo do **Blockälteste**, do **Lagerälteste**, do **Kapo**, dos cães-lobos e dos homens da SS. Tinham medo do chicote, do porrete, do **Bock**, do **Baum** e do **Bunker**.

Os **Häftlinge** tinham medo do arame farpado ligado à alta-tensão, das câmaras de gás e do crematório. Tinham medo das pancadas, dos maus-tratos, das torturas, do tiro na nuca e do enforcamento.

Os **Häftlinge** temiam o **Appell**, a **Blocksperrre**, a seleção, as doenças, e **die Experimente an lebendigen Menschen**. Dia e noite eles sentiam medo daquilo que sabiam que os esperava, e tinham medo daquilo que desconheciam.

Sobretudo, os **Häftlinge** tinham medo da morte. Eles queriam viver, mas o **KZ** pertencia ao reino da morte.

No entanto, **die Angst** diminuía com o passar do tempo, em vez de aumentar, apesar de todas as precauções tomadas por Hitler e Himmler e de toda a turma da SS. Os **Häftlinge** acostumavam-se a tudo, inclusive à morte. A carne não mais estremecia neles, quando eram chamados para o interrogatório no **Bunker**, nem quando era ordenada a seleção, ou quando seguiam com os olhos o carro que recolhia dos cadáveres da praça ou entre os barracões. Um único temor acompanhava-os até o momento da libertação. Um medo que não tinha sido planejado por Hitler, nem pela turma da SS, e também não teria sido compreendido por eles.

Até o momento da libertação, os **Häftlinge** temiam, naquele inferno de monstruosidades que representavam o campo de concentração, esquecer que eles pertenciam à raça humana. Eles temiam ser rebaixados e privados da sua condição humana.

O campo de concentração ao constituir-se em um espaço vivido, não era simples e frágil constructo sobre o dinamismo de uma paisagem e sua imbricada mescla de lugares, pois não havia dissimulação diante da morte, e todos os prisioneiros ciganos ou não, sabiam depois

de breve tempo, o significado das “duas filas”, das “experiências”, das “amabilidades” (LIMA, 1996). Em seus espaços, “a milenar e renitente resistência de subsistir era minada, encontrando-se à mercê das formas justificadas e injustificadas de medo, numa invasão, numa envolvimento de corpo e espírito” (LIMA, 1996, p. 66). Assim, as imagens paisagísticas recuperadas mediante os relatos de sobreviventes, nos contam sobre paisagens de “tensão e inquietude para os recém-chegados, levando a experienciarem esta situação com os nervos à flor da pele” (LIMA, 1996, p. 66-67), tendo em vista que o desembarque nas rampas ferroviárias do complexo de Auschwitz, em um primeiro momento era percebido com um sentimento de alívio, sendo imediatamente após, tomados por uma sensação de terror frente à realidade percebida referente aos processos de seleção e separação a que seriam submetidos, durante todo o tempo, levando a estados emocionais e de consciência diferentes, que variavam em intensidade – pânico, alerta, torpor, alienação, lucidez extrema (LIMA, 1996). O escritor assim descreve estes momentos referentes ao desembarque:

Depois de tantos dias e noites de sofrimento, de fome e de sede, de frio intenso ou calor insuportável, porém, sobretudo após a pergunta torturante que havia se tornado uma obsessão: “O que será de nós?”, a ordem “**Alle heraus!**” parecia aos deportados como um sinal de salvação, e eles se empurravam em direção ao espaço livre que havia se formado com a abertura das portas.

Durante três, quatro, cinco, seis dias e noites eles não tinham podido ver dos trens de carga, nem as planícies nem as florestas, pelas quais haviam passado, nem pessoas nem pássaros, nem mesmo um pedacinho do céu.

Portanto eles se espremiavam em direção ao espaço que as portas dos vagões destrancadas e abertas ofereciam, como se ali fossem encontrar a liberdade. A ordem “**Alle heraus!**” reforçava-lhes esta sensação.

No entanto, os primeiros a pularem do trem eram tomados por um gélido horror. A estranha imagem, que se lhes oferecia, paralisava-os: intermináveis cercas de arame farpado, centenas de postos de guarda com pessoal da SS, todos com a mão no gatilho, barracões e mais barracões até onde a vista alcançasse, apenas barracões perfeitamente alinhados e defronte deles pessoas em roupa listrada, milhares, centenas de milhares, e sobre isto tudo fumaça, fumaça-pesada, negro-azulada, sufocante, e em lugar algum um pedacinho do céu...

Mesmo assim os primeiros pulavam dos vagões, empurrados por aqueles que vinham atrás, incitados pela infinitamente repetida ordem “**Alle heraus!**”, desesperados por causa dos gritos dos doentes e moribundos, empurrados pelo insuportável mau cheiro dos cadáveres já em estado de decomposição, do fedor dos baldes, nos quais as pessoas haviam feito suas necessidades durante cinco ou seis dias e noites, na crença de que aqui só poderia ser melhor.

Nunca em nenhum lugar as pessoas foram com tanta confiança para o encontro com a morte, como os milhões de deportados dos vagões de carga parados diante das rampas em **Birkenau**, incitados pela interminável ordem: “**Alle heraus!**” (LUSTIG, 1991, p. 12-13).

As imagens relacionadas às paisagens dos campos de concentração e extermínio estavam sendo gravadas indelevelmente pelos prisioneiros, ciganos ou não, de modo que o sentimento de medo aflorasse em cada um dos seus lugares mais recônditos, pois os processos psicológicos eram induzidos com técnica, perícia e exatidão, desenvolvidos de forma sistemática e precisa, sendo que poderíamos afirmar que estes espaços eram ordenados de maneira compulsiva, pelos “comandos da SS que não admitiam falhas em seus métodos, estimulando e recompensando toda teoria ou prática aperfeiçoadas para institucionalizar a morte” (LIMA, 1996, p.68). Segundo Lustig (1991, p. 29), “para os SS, a morte era um profissão como qualquer outra. Em consequência o matar teria de ser aprendido e feito com prazer... Como se **mata**, aprendiam brincando. A melhor escola eram os campos de concentração.”

Frente a estas paisagens da morte, os grupos ciganos também estavam sujeitos às ordens de “bloqueio” e de “seleção”, que tinham como objetivos o extermínio coletivo nas câmaras de gás ou nas valas de fuzilamento que eram cavadas por eles próprios antes de serem assassinados. Segundo o escritor, uma “tempestade” se iniciava imediatamente após o anúncio dos bloqueios de barracões ou de uma ala, logo ao cair da noite, porque o medo passava novamente a assombrar os prisioneiros, “e todos os seus sinais vitais de alarme eram então, despertados da letargia na qual estavam mergulhados pelas condições sub-humanas” (LIMA, 1996, p. 68). Lustig (1991, p. 38-39) nos apresenta a “*tempestade*” de pânico que se instalava, possibilitando a visualização de cenas vívidas:

O medo da morte agarrava-se definitivamente a nós quando ouvíamos o chamado “**Blocksperre!**”.

Isto normalmente acontecia à tardinha, ao anoitecer. Dois **Läufer** aproximavam-se correndo pela alameda que dividia o campo ao meio, vindos da guarda SS do portão, gritando com todas as suas forças:

“**Blocksperre!... Blocksperrreeee!...**”

Via-se o medo da morte de todos os **Häftlinge** em todas as praças pelos seus olhos saltados das órbitas. Empurrando e pisando uns aos outros, espremiamo-nos para dentro dos barracões. As portas eram trancadas.

Depois de minha chegada ao campo E, a **Blocksperre** foi ordenada pela primeira vez em meados de agosto de 1944. Naquela noite todos os ciganos do campo foram queimados.

Na manhã seguinte, os barracões do lado direito da alameda, cujos números eram todos pares e até ali tinham estado cheios de ciganos, pareciam, com suas portas escancaradas, túmulos vazios e profanados.

A partir de então, os chamados dos **Läufer** ao longo da alameda se tornaram cada vez mais frequentes: **Blocksperre!** E, depois da noite que se seguia a este chamado, encontrávamos sempre, ao amanhecer, um ou dois barracões vazios. Dos barracões destinados à eliminação, ninguém ficava vivo. Nos dias seguintes eram enchidos com os últimos sobreviventes dos guetos poloneses...

Dominados pelo medo da morte, os **Häftlinge**, por trás das portas fechadas, desandavam a chorar, a gritar desesperadamente, a lamentar-se histericamente. Todo o campo bradava. De repente, tudo ficou em silêncio. Ouvia-se o som da morte. Os **Häftlinge** nos trinta barracões prendiam a respiração. Não tinham coragem nem de piscar e, se pudessem, teriam parado até com seus batimentos cardíacos. Um único sentido ficava em alerta: a audição. Todo o resto lhe era subordinado.

Os carros de transporte dos crematórios faziam muito barulho, porém andavam bem devagar e, assim, massacravam os nossos nervos. Onde parariam? Em frente de qual dos barracões?

Continuavam andando, passando pelo bloco 6...8...10... O sangue nos subia à cabeça. Mais dois blocos e teria chegado a nossa vez, bloco 16.

Pronto! Tinham parado. Devia ser o bloco 12 ou 14. Os nervos não suportavam mais. Mais um instante...

“Mãe!... Mamãe, onde você está?... Socorro!... Não... não...!”

Era o bloco 15. Isto significava que a eliminação prosseguia com os números ímpares, com os blocos do outro lado.

Seguia-se uma hora interminável. Nesta hora os **Häftlinge** do bloco 15 eram tocados para dentro dos carros de transporte e levados até o crematório.

Então voltava o silêncio. O último carro havia-se distanciado. Mas ainda não tínhamos coragem de nos mover. O medo da morte ainda não havia nos abandonado. E se o extermínio prosseguisse? Seria a vez de quem?

Somente pela manhã, quando o amanhecer fazia-se presente, podíamos ter a certeza de ter escapado. Então respiraríamos aliviados até a próxima noite, na qual o **Läufer** correria novamente pela alameda e gritaria em alto e bom som: “**Blocksperrreeee!...**”

O “Campo E”, denominado de “*Zigeunerlager*”, isto é, “campo de ciganos”, segundo Lustig (1991, p. 189-191) estava localizado ao lado direito da aléia que dividia o campo de Birkenau ao meio, sendo evacuados para este campo cerca de 22.696 ciganos, entre os quais em torno de oito a dez mil sobreviviam em 1944, por ocasião da chegada dos judeus deportados da Hungria. A ordem de bloqueio deste campo ocorreu em meados de agosto de 1944, em uma noite quente e estrelada, de acordo com a narrativa do escritor, e significava a seleção para a sentença derradeira (LUSTIG, 1991; LIMA, 1996). Lustig (1991) relata que o massacre dos ciganos teve início aproximadamente às vinte e duas horas, com a execução de todos nas câmaras de gás (vítimas dos cristais de *Zyklon B*), e seus corpos foram enviados aos crematórios do campo. Mesmo os prisioneiros ciganos não existindo mais, o campo E continuou a ser denominado de “*Zigeunerlager*”:

Naquela interminável noite de verão, todos os ciganos do campo E, em Birkenau-Aschwitz, foram mortos por gás e queimados. Crianças nascidas no campo e jovens ciganas que ainda sonhavam ser sequestradas por rapazes e levadas através de caminhos secretos só conhecidos por eles, em cavalos ligeiros como o vento, pelas florestas da Baviera; todos os Blockältesten e Vertreter, os senhores todo-poderosos de nosso bloco, junto com as videntes, que até o último instante haviam previsto, com a ajuda da concha cauri, dos grãos de trigo ou das cartas que voltariam a montar as suas caravanas ou tendas, que os colares voltariam a saltitar sobre os seios das moças durante a dança do diabo, durante todos os casamentos que não foram festejados,

durante todos os batismos que não foram celebrados, porque nos campos da Saxônia, nos vilarejos de Thüringen, na beira das cidades da Bélgica e nas ruas asfaltadas da Holanda, as carroças, caravanas e tendas ciganas foram todas cercadas por carros e pelos SS, com carabinas prontas para abrir fogo, porque os ciganos foram jogados nos caminhões e deportados.

Sim, naquela noite os descendentes dos famosos ciganos que contrabandeavam seda de Lyon, que durante séculos alegraram os senhores dos castelos à beira do Reno com suas músicas e danças, foram colocados dentro de caminhões negros e fechados, sendo todos eles asfixiados até a morte sem ao menos poderem dar uma última olhadela para o céu estrelado. Pessoas que só podiam viver quando eram livres para perambular pelas cidades e vilarejos, sobre caminhos escolhidos por eles, e andar por entre montanhas e vales, pessoas que amavam e viviam de acordo com leis e mandamentos próprios, e que tinham como testemunhas apenas a lua e os astros.

De manhã amontoamo-nos diante dos blocos — ainda sem coragem de pisar na aléia — e olhávamos os blocos que do outro lado se alinhavam ao longo da aléia. Nenhum movimento. Um deserto assustador. Com as portas largamente escancaradas, os blocos pareciam túmulos vazios e profanados. Não se podia ver o céu sobre eles, porque uma grossa camada de fumaça negra, sufocante, o cobria. Vez por outra, imensas chamas ou fagulhas que saltavam das chaminés dos crematórios, cortavam-no, chocavam-se e sumiam como estrelas cadentes.

Naquela noite, ninguém ouviu os apitos de uma locomotiva ou o matraquear das rodas dos trilhos. Mas não havia mais ciganos. Na área que eles haviam ocupado, nada mais se movia. Apenas aquela nuvem de fumaça grossa, negro-azulada, sufocante, descia cada vez mais sobre os blocos desertos com as portas amplamente escancaradas, que se assemelhavam a imensos túmulos vazios e profanados (LUSTIG, 1991, p. 190).

Durante a travessia das paisagens da morte, entremeadas de armadilhas, emboscadas e destruições, poucos ciganos sobreviveram, em uma demonstração de resistência e resiliência diante das condições impostas pelos cenários da guerra na Europa e seus lugares de sobressaltos e inquietudes. Nos campos de concentração e extermínio, haviam experienciado um aniquilamento em todos os sentidos, sendo vítimas de um inimigo extremamente próximo — o *medo*. (LIMA, 1996). As relações existentes nestes lugares e em seus entornos se estruturaram topofobicamente, assegurando em todos os momentos a presença de infraestruturas e o planejamento de ações tecnicamente eficientes, que mantivessem os ciganos subjugados ao medo, impotentes diante dos referenciais de uma paisagem criteriosamente organizada que, no entanto, apresentava aos prisioneiros a desorganização de seus próprios significados de vida, transmitidos por meio de sinais que induziam a espaços desconfianças, temores, angústias, reiterando a permanência e manutenção de experiências e emoções ligadas à morte:

Nos campos de concentração tudo era difícil, dolorosamente difícil [...]. Nestas condições era indescritivelmente difícil viver, e quase impossível sobreviver.

Só uma coisa era fácil: morrer.

Ali era a casa do **Tod**.

Nos campos de concentração, tudo era monótono. Sempre, em todos os lugares, as mesmas cercas de arame farpado, as mesmas estacas encurvadas para o interior, os mesmos postos de guarda com os mesmo SS; os mesmos barracões, os mesmos **Kapos**, **Blockältesten** e **Lagerältesten**, as mesmas ordens, xingamentos e castigos; as mesmas porções miseráveis de comida, as mesmas doenças, os mesmos lamentos e maldições.

Apenas **der Tod** era extraordinariamente diverso (LUSTIG, 1991, p. 164-165).

A análise geográfica das paisagens dos campos de concentração apresentadas por Lustig (1991), também nos revela que a permanência nestes campos levou a percepções de lugares apresentados inicialmente como transitórios, mas experienciados por muitos como definitivos, no sentido de espaço situacional, pois se constituíram nos cenários do fim de muitas vidas. Os diferentes lugares foram construídos intencionalmente para serem símbolos da segurança e do controle do Reich e de sua SS, engendrando paisagens proibitivas, de restrições, de falta de liberdades, culminando na violência do morrer diário sob formas variadas, num acúmulo de cargas emocionais, exaurindo as energias da vida. Tuan (1980, p.137) considera que nos distintos aspectos envolvidos na construção do sentimento de topofilia, “as imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesses e poder, mas continuam a surgir do meio ambiente: as facetas do meio ambiente, previamente negligenciadas são vistas agora com toda a claridade”. Podemos afirmar, sem dúvidas, que o mesmo acontece em relação à construção histórica do sentimento de topofobia e emoções derivadas, tanto por um indivíduo como uma comunidade.

A paisagem ao apresentar uma pluralidade de estímulos sensoriais, nos induz a uma variação de percepções e interpretações, que por sua vez envolve as ambivalências e contradições do espaço vivido, estabelecendo territorialidades superpostas ou opostas, porém, intrinsecamente ligadas aos padrões culturais atuantes em determinadas épocas, e então a experiência de paisagem nos permite dizer neste estudo, que elas são “receptáculos de significados de parte ou de todas as nossas vidas” (LIMA, 1996, p. 78). Enquanto representarem a possibilidade de um “*existencial insideness*”, influenciando um dimensionamento existencial mais subjetivo das paisagens vivenciadas, interferem nos processos de formação das imagens percebidas e interiorizadas, e da retenção e seleção de informações pela memória, respondendo assim por um modo de orientação entre os diversos níveis de compreensão e apreensão dos significados da experiência ambiental e a história

pessoal e interpessoal, bem como da variação de suas valorações (LIMA, 1996; GUIMARÃES, 2007).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

E a neblina – inescrutável, opaca, impermeável – é (como qualquer criança lhe dirá) o esconderijo favorito do mal. Feita dos vapores do medo, a neblina exala o mal. – Bauman (2008, p. 95).

Ao analisarmos as paisagens do medo representadas pelos campos de concentração e extermínio nazistas, descritas no livro de Lustig (1991), observamos que as memórias pertinentes a estes lugares, evidenciadas nas narrativas, permitiram a visibilidade de paisagens através de uma imagética de conflitos políticos, socioculturais e aspectos ambientais hostis, concernentes às perdas de liberdade e direitos humanos durante o século XX.

Ao tratarmos das imagens correspondentes à percepção da realidade *manifestada* (objetiva) e *manifestante* (subjativa), universos segundo Tuan (1983: 134), delimitados pelo “*físico/histórico*” e pela “*expectativa e desejo*”, construímos as interlocuções entre a Geografia e a Literatura, mesclando os saberes e conhecimentos, e tornando possível compartilhar a riqueza das experiências humanas descritas em uma obra literária. Ao transformamos as percepções, ressignificamos a interpretação das experiências ambientais e a atribuição de valores objetivos e subjetivos, intrínsecos e extrínsecos, refletindo sobre as realidades geográficas passadas e atuais, conscienciosos da relevância deste diálogo, que nos auxilia na compreensão das interfaces de nossas vivências, em cada contraponto de *névoa e neblina* a ser dissipado na paisagem cotidiana.

#### 5. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido, In: CHRISTOFOLETTI, A., *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 165-193.

FEBVRE, L. *A Europa: gênese de uma civilização*. Trad. Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 2004.

GUIMARÃES, S.T. de L. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental, *Geosul*, Florianópolis, v.17, n.33, p. 117-141, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13971>. Acesso: abril 2013

GUIMARÃES, S.T. de L. *Paisagens: aprendizados mediante experiências*. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. 2007. Tese (Livre-docência) 2007. – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2007.

GUIMARÃES, S.T.L. Valoração de paisagens: campos de visibilidades e de significâncias, In: COSTA, E. B.; BRUSADIN, L. B.; PIRES, M. C. (Orgs.). *Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder*. São Paulo: Outras Expressões, 2012, p. 45-59.

HOLOCAUST SURVIVORS AND REMEMBRANCE PROJECT "FORGET YOU NOT". *Oliver Lustig*. Disponível em: [http://isurvived.org/Survivors\\_Folder/Lustig\\_Oliver/Bio.html](http://isurvived.org/Survivors_Folder/Lustig_Oliver/Bio.html). Acesso: maio de 2013

KRAUS, O. ; KULKA, E. *Tovarna na smrt*. Prague: Nase Vojsko, 1957.

LAGRANGE, H. *La civilité à l'épreuve. Crime et sentiment d'insecurité*. Paris: PUF, 1996

LIMA, S. T. *Paisagens & Ciganos*. 1996. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 1997.

LUSTIG, O. *KZ: Dicionário do campo de concentração*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MÜLLER-HILL, B. *Ciência assassina*. Rio de Janeiro: Xennon, 1993.

NOVITCH, M. Os ciganos e o terror nazista, *O Correio da UNESCO*, Brasília, dez/1984, ano 12, p. 24-25.

RAFFESTIN, C. Paysage et territorialité, *Cahiers de Géographie de Québec*, vol. 21, n° 53-54, 1977.

TUAN, Y-F. *Landscape of fear*. Oxford: Basil Blackwell, 1979.

TUAN, Y-F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Y-F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNITED STATES. Holocaust Memorial Museum. *Holocaust Encyclopedia*. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/en/>>. Acesso: abr. 2013.

---

*Yizkor ... Zakhor...*

*Outono, 5773*

*Sol Karmel*

Recebido em 20/09/2017.

Aceito em 07/11/2017.

Publicado em 02/01/2018.